



Demócrito e Heráclito na feira livre de Luciano

Democritus and Heraclitus in Lucian's Market

Gustavo Laet Gomes

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
guslaet@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-7474-5289>

Resumo: Neste texto, algo satírico, trato do “leilão” de filosofias de vida armado por Luciano de Samósata no diálogo *Vitarum auctio*, e mais especificamente da malsucedida tentativa de venda de um par formado por um democritiano e um heraclitiano, buscando entender o papel dessas duas filosofias e os dois filósofos por trás dela tanto na economia do diálogo (e isso literalmente, porque parte da análise envolve efetivamente questões econômicas), quanto de um modo mais geral da perspectiva da utilidade que Demócrito e Heráclito — e sobretudo o primeiro — têm para Luciano em sua crítica não exatamente à Filosofia, mas a certo uso egóico da Filosofia por parte de uma parcela não insignificante de seus alegados adeptos.

Palavras-chave: Luciano; Demócrito; Heráclito; filosofia de vida; leilão.

Abstract: In this somewhat satirical text, I deal with the “auction” of philosophies of life set up by Lucian of Samosata in the dialog *Vitarum auctio*, and more specifically the unsuccessful attempt to sell a pair formed by a Democritean and a Heraclitean, seeking to understand the role of these two philosophies and the philosophers behind them both in the economy of the dialog (and this literally, because part of the analysis does involve economic issues), and more generally from the perspective of the usefulness that Democritus and Heraclitus — and especially the former — have for Lucian in his critique not exactly of Philosophy, but of a certain selfish use of Philosophy by a not insignificant portion of its alleged followers.

Keywords: Lucian; Democritus; Heraclitus; philosophy of life; auction.

Imagine-se numa feira livre de filosofias de vida. Isso mesmo: *feira livre e filosofias de vida* na mesma frase. É um pouco difícil, eu sei, mas é genial. Genial como só Luciano de Samósata pôde conceber.¹ *Feira livre de filosofias de vida* é uma possível tradução para o título da obra *Βίων πρᾶσις* de Luciano; literalmente uma *Venda de vidas*. A ideia de converter venda em feira livre tem a ver com o modo como se processa a venda no diálogo de Luciano. Nele, o leitor encontrará semelhanças importantes com o modo como se dá o processo de venda de hortaliças e legumes nas feiras livres brasileiras.² Nesta feira, contudo, não se está vendendo³ um produto qualquer, mas *βίον*. E aí nos vemos diante do desafio de traduzir *βίον*. Verter simplesmente para ‘vidas’, além de soar estranho pode nos fazer passar direto pela sutileza de uma ambiguidade que, embora presente no texto de Luciano, talvez seja um pouco distante para o leitor do século XXI. É que uma venda de *vidas* pode indicar para um leitor da época algo que, para nós, já deixou de ser óbvio há um bom tempo: uma venda de escravos em um mercado público. Concomitantemente, porém (e, portanto, além disso), o termo *βίος*

¹ O que vem a seguir poderia ser uma nota de rodapé. Afinal, trata-se de uma explicação técnica sobre uma escolha de tradução. No entanto, a questão que ela encerra revela um pouco da riqueza do texto de Luciano, riqueza que muito provavelmente ele mesmo não poderia antever. Porque o título que ele deu para esse diálogo funciona como uma dobra espaço-temporal que conecta o seu mundo com o nosso (e, por conseguinte, converte sua crítica, sua sátira e seu gênio em coisas atualíssimas). Observe.

² Essa restrição, embora talvez opere contrariamente à pretensão de universalidade da opção pelo uso da expressão ‘feira livre’, reflete os limites da capacidade turística e imaginativa do autor (não o Luciano, evidentemente, mas este que vos escreve). Deve-se notar, porém, que os feirantes brasileiros têm um modo peculiar geral (na medida em que há inúmeras variantes locais de um mesmo modo geral) de se comunicar com a clientela que em muito se assemelha à postura de Hermes no diálogo de Luciano. Se isso vale para outros feirantes de outras praças (provavelmente sim), é algo que este autor, malgrado seu profundo interesse em feiras e mercados, não têm os meios necessários para atestar.

³ Em latim, resolveram traduzir o título por *Vitarum auctio*, que sem dúvida é uma boa tradução. Além de venda, *auctio* tem também o sentido de *leilão*. Por isso, é muito comum o uso deste termo nos títulos em português. No entanto, o modo como se processa a venda no diálogo — e isso é muito importante — não é o de um leilão: não há a proposta de um lance inicial, nem um grupo de compradores disputando a maior oferta.

também pode significar um *modo de vida* e até mesmo uma *biografia*.⁴ E aí, como evidentemente não se trata de quaisquer βίωv, mas de βίωv de algum modo relacionadas com a Filosofia, optei conscientemente pela cafonérrima expressão *filosofias de vida*.

Há que se ter muito cuidado ao empregar a expressão ‘filosofia de vida’.⁵ Isso pode desqualificar um trabalho, na medida em que um leitor desatento poderia pensar se tratar de algum tipo de literatura de autoajuda pseudoacadêmica. Pseudoacadêmico, talvez, o presente trabalho até seja. Mas só talvez. Por um lado, ele é, porque trabalhos acadêmicos nunca utilizam termos como ‘cafonérrimo’, e nem colocam notas de rodapé no corpo do texto.⁶ Há entre nós aqueles que, ao ouvir a expressão ‘filosofia de vida’, são involuntariamente acometidos por um alarme interno: lá vem um discurso possivelmente longo, que exigirá de mim autocontrole e sorrisos condescendentes. Afinal, usuários [a sério] da expressão ‘filosofia de vida’ podem ter uma sensibilidade aguçada. Sendo assim, é signo de boa educação e empatia ativar os devidos filtros e evitar comentários sarcásticos. Se possível.

Apesar de todo esse risco, tenho a impressão de que ‘filosofias de vida’ seria uma expressão particularmente precisa para descrever o que Luciano teria em mente caso estivesse escrevendo para nós hoje. O que se está vendendo na feira armada por Zeus e Hermes não são os próprios filósofos que deram origem às filosofias aludidas, muito embora uma certa tradição nos tenha legado manuscritos que insinuam que se

⁴ Assim, alguém poderia escrever uma βίος não autorizada do cantor Roberto Carlos, mas também poderia falar de uma βίος tipo a do Roberto Carlos, como, por exemplo, uma βίος que privilegiasse o uso de sapatos, calças e camisetas brancos combinados com um paletozinho azul índigo.

⁵ Experimente, por exemplo, digitar “filosofia de vida” no Google para ver o tipo de resultado que ele oferece.

⁶ Ainda que muitos trabalhos acadêmicos, como certamente é o caso deste [trabalho], frequentemente contenham um número excessivo de notas de rodapé, muitas vezes completamente inúteis. Mais raros, mas não inexistentes, são os trabalhos acadêmicos que contêm somente notas de rodapé, seja no corpo do texto, seja no espaço próprio reservados a elas. Há ainda uma terceira categoria (não incomum) de trabalhos acadêmicos que não dizem absolutamente nada, seja, novamente, no corpo do texto, seja nas notas de rodapé.

trata disso.⁷ Mas a tradição está devidamente desculpada, afinal, segundo nos conta Luciano em *O Pescador*, também os próprios filósofos, em sua morada no Além, tiveram a mesma impressão de estarem sendo sordidamente caluniados e vendidos naquela feira.⁸ Por outro lado, não se trata simplesmente da venda de escolas filosóficas, como se fosse uma espécie de avaliação qualitativa das escolas do tempo de Luciano, muito embora isso esteja presente. Certamente não é uma venda de escravos no sentido literal, ainda que a linguagem e a atitude de vendedores e compradores reflitam o modo de venda de escravos da época. Acredito que ele tenha optado por este formato, acima de tudo, por querer produzir uma certa atmosfera mercantil. Dentro de tal atmosfera, se emprega um certo tipo de linguagem, e há uma *mise-en-scène* que Luciano realiza muito bem. Além disso, é relativamente incomum as pessoas conversarem com os tomates quando vão à feira.

Nada disso, sem dúvida, é gratuito. Revela algo sobre a atitude das pessoas em geral diante da filosofia, temática crucial para Luciano. As pessoas que vão ao mercado em busca de uma “Filosofia”, o fazem com uma atitude mercantil, utilitária, prudencial e até mesmo *adesista*. Daí a atualidade deste diálogo. Numa época de *t(x)witters*, *facebook*s, *instagram*s e *selfies*, as pessoas estão em busca de modos de vida cuja adesão lhes permita angariar o maior número de “amigos” e seguidores.

⁷ E também o título deste trabalho. Mas aí, neste ponto, sinto-me desculpado porque o leitor há de convir que 90% do interesse provocado por um artigo resulta diretamente do seu título. Basta ver a quantidade de sites inúteis que você abre por causa de títulos engraçadinhos ou sensacionalistas que aparecem na *timeline* do seu Facebook ou nos seus *stories*. O nome técnico disso é *clickbait*, e o conceito curiosamente se aplica de modo muito adequado para uma parcela não desprezível de artefatos acadêmicos.

⁸ O diálogo *O Pescador* é uma espécie de sequência da *Feira livre de filosofias de vida*, no qual os filósofos, indignados pelo ultraje de terem sido postos à venda, retornam a vida para matar Luciano. Cf. a indignação de Platão (Luc. *Pisc.* 4; tradução própria): “As coisas terríveis que você fez, seu canalha, pergunte a si mesmo! E aqueles seus lindos discursos falando mal da própria filosofia e nos insultando? E aquele seu leilão em que eram vendidos em praça pública, como escravos, homens sábios e ainda por cima livres? Foi por causa deles que nós, indignados ao extremo, subimos até aqui para te pegar, depois de solicitar uma licença temporária a Hedoneu, o funcionário do inferno: Crisipo aqui; Epicuro; eu, Platão; Aristóteles (aquele ali); Pitágoras (este caladão aqui); Diógenes; e todos os outros que foram ridicularizados nos teus discursos.”

Mesmo tendo a incrível capacidade de falar, as *filosofias de vida* do diálogo de Luciano são mais do que escravos habilitados para executar certas tarefas a partir dos conhecimentos obtidos com as doutrinas de cada escola. Elas são como roupas da moda que podem ser vestidas e ostentadas. Cada tipo de roupa (isto é, cada filosofia de vida), permite a seu comprador e futuro usuário *aderir* a um determinado grupo social. Mas esta adesão só funciona no plano exterior, do *parecer ser*. Para se manter associado ao grupo, o adepto precisa não só vestir sua nova roupa em público, mas manter a sua *timeline* atualizada com a maior quantidade de *selfies* possível, cuja eficácia é determinada pela sua capacidade de *mostrar* as características típicas da filosofia de vida escolhida. É por isso, então, que faz todo sentido Luciano se concentrar nas *features* arquetípicas⁹ das filosofias que ele apresenta, conforme consagradas pela tradição doxográfica.¹⁰ E eu não estou sozinho. Veja o que diz nosso querido homenageado:

Mas é importante ter presente que a intenção de Luciano é tanto caricatural, quanto teatral: ora, a caricatura deve fornecer pistas mínimas relativas aos modelos, as quais, no espetáculo, têm de ser concretizadas numa personagem ou máscara individualizada. A caricatura, por outro lado, tanto enfatiza traços cômicos do modelo, quanto desvela o modo como este é percebido pelo grupo social, isto é, a caricatura diz algo não só sobre o modelo como sobre o grupo a que se destina. A caricatura dos antigos filósofos

⁹ Ou, em português, *características* (substantivo) *características* (adjetivo) das filosofias que ele apresenta.

¹⁰ Luciano é geralmente visto como alguém que não conhece muito de filosofia e que extrai seus poucos conhecimentos de um anedotário comum à sua época. *Tradição doxográfica*, em sentido amplo, se refere entre outras coisas à transmissão deste anedotário. Segundo essa interpretação, Luciano teria tido acesso a textos parecidos com o de Diógenes Laércio (séc. III ec), e teria absorvido somente aquilo de mais superficial que haveria ali. Veja, por exemplo, o que diz Allinson (1926, p. 47) sobre a relação de Luciano com a filosofia: “He does, on occasion, contemptuously record certain obvious catch-words and theses from the pre-Socratic philosophers, from Socrates himself and his contemporaries, or from the subsequent realignment and development of philosophic speculation, but all this affords him mere copy for his cartoons or, at best, an abridged manual of practical rules of conduct.”

e doutrinas, em *Leilão de Vidas*, parece-me ter antes esta segunda finalidade: ridicularizar o modo enviesado como a antiga produção era recebida, insistir no automatismo com que tanto traços biográficos quanto doutrinários eram repetidos sem inteligência nem discernimento. A defesa feita no *Pescador* nada tem, portanto, de capciosa, nem procura encobrir uma falha antes cometida, mas direciona um certo entendimento da crítica à filosofia em *Leilão de Vidas* e em outras obras cujo alvo é uma sorte de filosofia cortesã. (Brandão, 2001, p. 125)

Βίων πρᾶσις trata-se, então, como eu dizia no início, de uma *Feira livre de filosofias de vida*, com todas as implicações que este título tem.¹¹

Mas, como sugere o outro título, isto é, o deste artigo, este tem um foco específico, que é o curioso caso da venda (ou melhor, da não venda) de um *combo*¹² de filosofias representado por Demócrito e Heráclito.¹³ A feira armada por Zeus e Hermes pretende vender, como vimos, filosofias de vida para os transeuntes da ágora.¹⁴ Assim, são enfileiradas sobre um bancão de madeira as personificações (na forma de adeptos arquetípicos) das filosofias de vida que estão sendo vendidas. Ao todo são realizadas nove ofertas:¹⁵

¹¹ Encerra-se aqui a primeira nota de rodapé (cf. a n. 1 acima) alçada a texto principal.

¹² Abreviação na gíria estadunidense para *combination*. No Brasil seu uso se popularizou devido a seu emprego na lanchonete McDonald's. Ainda hoje, apesar da franca decadência da rede de *fast food*, ainda é possível encontrar o *combo número 1*, composto de um Bic Mac, uma McFritas média e um refrigerante médio, além de outros combos similares.

¹³ O leitor atento notará uma inconsistência no discurso do autor [do artigo]: por que falar nominalmente em Demócrito e Heráclito depois de ter defendido a posição de que o que está sendo vendido não são os filósofos ou as escolas filosóficas, mas modos de vida (ou filosofias de vida) baseadas distorcidamente em suas proposições originais? Penso que diante da importância desta questão, é o caso de abriremos uma segunda nota de rodapé no texto principal. Ela começa a partir deste ponto.

¹⁴ A praça principal de uma *polis* grega, nas quais costumavam armar-se também, anacronismo ou não, as *feiras livres* de então. (Rimou.)

¹⁵ Reproduzo nas notas subsequentes breves notícias biográficas atualizadas a respeito de cada um dos filósofos originadores das diferentes escolas ou posições filosóficas negociadas na feira de Luciano extraídas da *Stanford Encyclopedia of Philosophy* (SEP; <http://plato.stanford.edu/>). Faça isso para ganhar tempo, e também porque não

- 1) um pitagórico,¹⁶
- 2) um cínico,¹⁷

faz sentido compor ainda mais uma nota biográfica superficial sobre essas figuras. Tomei o cuidado de utilizar a *SEP* — uma enciclopédia escrita em língua inglesa de uma universidade do Norte — para evitar críticas do leitor rigoroso caso eu decidisse utilizar a *Wikipedia* como fonte, muito embora ela não esteja nem um pouco aquém do nível de informação necessário aqui. (Peço desculpas, por outro lado, ao leitor exotérico por mais essa idiossincrasia do *métier*. Ao leitor esotérico, iniciado na temática das correntes filosóficas e da antiguidade e ao mesmo tempo sem muita curiosidade quanto ao conteúdo das notas biográficas da *SEP*, sugiro pular as próximas dez ou onze notas. A ambos, peço desculpas por ter sido obrigado a traduzir textos tão bem escritos para o meu português fuleiro, mas normas são normas, e até quando a gente as está ironizando, acaba-se tendo que seguir uma aqui e outra acolá.)

¹⁶ Seguidor da doutrina de Pitágoras, “um dos mais famosos e controversos filósofos gregos da antiguidade, viveu aproximadamente entre 570 e 490 aec. Viveu seus primeiros anos na ilha de Samos, na costa da Turquia moderna. Aos quarenta anos, porém, emigrou para a cidade de Crotona, no sul da Itália, onde se deu a maior parte de sua atividade filosófica. Pitágoras não escreveu nada, e não há registros detalhados de seu pensamento escritos por contemporâneos seus. Além disso, nos séculos II e I aec, surgiu uma moda de apresentar Pitágoras de uma forma bastante não histórica, como uma figura semidivina que seria a fonte de tudo o que havia de verdadeiro na tradição filosófica grega, incluindo muitas das ideias da maturidade de Platão e Aristóteles, e [nessa época] surgiram vários tratados apócrifos em nome de Pitágoras e de outros pitagóricos para sustentar essa visão.” (Huffman, 2014, §0; tradução própria).

¹⁷ O cinismo não é exatamente uma escola, mas uma espécie de comportamento. O seu principal expoente foi Diógenes de Sínope, também chamado, *o Cão* (κύων), de onde deriva o nome cínico. “Diógenes, o Cínico, a figura central [do cinismo], é famoso por ter morado em um jarro de vinho (Diógenes Laércio [= DL] VI 23) e por andar com uma lanterna à procura de “um homem” – isto é, alguém que não tivesse sido corrompido (DL VI 41). Diógenes colocava a coragem contra a fortuna, a natureza contra a convenção e a razão contra a paixão (DL VI 38). Desse trio de opostos, o mais característico para entender os cínicos é o da natureza contra a convenção. Diógenes ensinava que uma vida conforme à natureza era melhor do que a que se conformava às convenções. Em primeiro lugar, a vida natural é mais simples. Diógenes comia, dormia ou conversava onde lhe convinha e carregava sua comida consigo (DL VI 22). Quando viu uma criança bebendo com a própria mão, jogou fora sua caneca, dizendo que uma criança o havia superado em frugalidade (DL VI 37). Ele disse que a vida dos humanos havia sido facilitada pelos deuses, mas que os humanos haviam perdido isso de vista ao buscarem bolos de mel, perfumes e coisas semelhantes (DL VI 44). Com treinamento suficiente, a vida conforme à natureza é a vida feliz (DL VI 71).” (Parry, 2014, §5; tradução própria).

- 3) um hedonista cirenaico,¹⁸
- 4) o *combo* que nos interessa (Demócrito¹⁹ e Heráclito²⁰), que, aliás, é o único *combo*²¹ de todo o mostruário.
- 5) um acadêmico,²²

¹⁸ Referência a Cirene, a cidade grega do norte da África de onde veio (para Atenas) Aristipo. “Aristipo é interessante porque, como hedonista convicto, ele é uma espécie de contraponto a Epicuro. Em primeiro lugar, o prazer é o fim ou o objetivo da vida – o que todos devem buscar durante a vida. Entretanto, o prazer que é o fim não é o prazer em geral, ou o prazer a longo prazo, mas os prazeres imediatos e particulares. Assim, o fim varia de situação para situação, de ação para ação. O fim não é a felicidade porque a felicidade é a soma de prazeres particulares (DL II 87-88). Acumular os prazeres que produzem felicidade é cansativo (DL II 90). Os prazeres particulares são aqueles que estão próximos ou são certos. Além disso, Aristipo disse que os prazeres não diferem uns dos outros, que um prazer não é mais agradável do que outro. Esse tipo de pensamento incentivava a pessoa a escolher um prazer imediatamente disponível em vez de esperar por um “melhor” no futuro.” (Parry, 2014, §6; tradução própria).

¹⁹ “Demócrito, conhecido na antiguidade como o “filósofo que ri” devido à sua ênfase no valor da “alegria”, foi um dos dois fundadores da teoria atomista antiga. Demócrito elaborou a teoria criada originalmente por seu professor Leucipo e a converteu em um sistema materialista do mundo natural. Os atomistas sustentavam que existem corpos menores e indivisíveis dos quais tudo o mais é composto, e que esses corpos se movem em um espaço vazio infinito. Entre as teorias materialistas antigas que diziam não era necessária algum tipo de teleologia ou propósito para explicar a ordem e a regularidade aparentemente encontradas no mundo natural, o atomismo foi a mais influente. Até mesmo seu principal crítico, Aristóteles, elogiou Demócrito por argumentar a partir de considerações sólidas apropriadas à filosofia natural.” (Berryman, 2010, §0; tradução própria)

²⁰ “Filósofo grego de Éfeso (perto da atual Kuşadası, na Turquia), ativo por volta de 500 aec, Heráclito propôs uma teoria peculiar e a expressou em linguagem oracular. Ele é mais conhecido por suas doutrinas de que as coisas estão em constante mudança (fluxo universal), que os opostos coincidem (unidade dos opostos) e que o fogo é o material básico do mundo. A interpretação exata dessas doutrinas é controversa, assim como a inferência frequentemente extraída dessa teoria de que, no mundo como Heráclito o concebe, proposições contraditórias devem ser verdadeiras.” (Graham, 2011, §0; tradução própria)

²¹ Deste ponto em diante, parei de italicizar a palavra ‘combo’, capitulando assim à mais um anglicismo.

²² Referência à Academia fundada por Platão em Atenas. Na feira de Zeus e Hermes, o acadêmico parece ser um híbrido de Sócrates e Platão. Dado que Sócrates e Platão são figuras conhecidas de qualquer leitor que tenha chegado até este ponto do artigo, não acredito que seja necessário apresentar minibiografias deles.

- 6) um epicureu,²³
- 7) um estoico,²⁴
- 8) um peripatético²⁵ e
- 9) um cético pirrônico.²⁶

²³ Seguidor da doutrina de Epicuro. “A filosofia de Epicuro (341–270 aec) era um sistema completo e interdependente, que envolvia uma visão do objetivo da vida humana (felicidade, resultante da ausência de dor física e de perturbação mental), uma teoria empirista do conhecimento (sensações, juntamente com a percepção do prazer e da dor, são critérios infalíveis), uma descrição da natureza baseada no materialismo atomístico e um relato naturalista da evolução, desde a formação do mundo até o surgimento das sociedades humanas. Epicuro acreditava que, com base em um materialismo radical que dispensava entidades transcendentais, como as Ideias ou Formas platônicas, ele poderia refutar a possibilidade de sobrevivência da alma após a morte e, portanto, a perspectiva de punição na vida após a morte. Ele considerava o medo não reconhecido da morte e da punição como a principal causa de ansiedade entre os seres humanos, e a ansiedade, por sua vez, como a fonte de desejos extremos e irracionais.” (Konstan, 2014, §0; tradução própria)

²⁴ Representante da corrente filosófica mais na moda entre as elites da época de Luciano. Tradicionalmente o estoico da feira é associado a Crisipo, não porque tenha características peculiares deste como personagem, mas porque ele foi o mais prolífico dos autores do estoicismo e um de seus principais expoentes. Quanto à doutrina, “O estoicismo foi um dos novos movimentos filosóficos do período helenístico. O nome deriva do pórtico (*stoa poikilē*) na Ágora de Atenas, decorado com pinturas murais, onde os membros da escola se reuniam e realizavam suas palestras. [...] Os estoicos, de fato, sustentavam que emoções como medo ou inveja (ou relações baseadas em vínculos sexuais apaixonados, ou amor passionais por qualquer coisa que fosse) eram, ou surgiam de, julgamentos falsos e que o sábio – uma pessoa que havia atingido a perfeição moral e intelectual – não deveria se submeter a elas.” (Baltzly, 2014, §0; tradução própria)

²⁵ Referência à escola fundada em Atenas por Aristóteles (outro filósofo que dispensa apresentações). Os alunos da escola eram chamados peripatéticos porque, dizem, Aristóteles gostava de ensinar caminhando ao redor do espaço (o que em grego se diz *περιπατεῖν*) da sua escola, o Liceu.

²⁶ Todos sabem o que é um cético, mas este aqui se refere especificamente a um seguidor da forma de ceticismo antigo atribuída a Pirro de Élis. “Pirro foi o ponto de partida de um movimento filosófico conhecido como pirronismo, que floresceu vários séculos depois de sua época. Esse pirronismo posterior foi uma das duas principais tradições de pensamento cético no mundo greco-romano (a outra se situava na Academia de Platão durante grande parte do período helenístico). [...] Pirro parece ter vivido em algum momento entre 365–360 aec e 275–270 aec [...]. Há vários relatos acerca dos filósofos com quem ele estudou, sendo que o mais significativo (e confiável) diz respeito à sua associação com Anaxarco de Abdera. Junto com Anaxarco (e vários outros filósofos),

É interessante o fato de que para oito das nove ofertas podemos encontrar facilmente um nome que a caracterize, seja como escola propriamente dita, seja como corrente filosófica.²⁷ Mas no caso do combo Demócrito-Heráclito isso é um pouco mais difícil. Poderíamos, sim, utilizando-nos da plasticidade da língua, cunhar termos derivados como *democritiano*, *democriteu*, *democrítico* etc. (e seus correlatos *heraclitiano*, *heracliteu*, *heraclítico* etc.).²⁸ A questão é saber se assim como havia na época de Luciano estoicos (aos montes), epicuristas, acadêmicos, cínicos e até mesmo pitagóricos, se haveria também praticantes do *democritianismo* e do *heraclitismo*. Diante da falta de referência a pessoas que se dedicassem a praticar estas filosofias, é provável que a oferta dessas filosofias soasse estranha naquela época. Mas voltaremos a isso oportunamente.²⁹

O procedimento de venda é muito semelhante em todos os casos: Hermes solicita que o *avatar* da filosofia a ser ofertada desça do banco e se aproxime dos potenciais compradores. Estes, por sua vez, fazem perguntas, seja ao vendedor, seja ao próprio avatar, com o intuito de avaliar a mercadoria que lhes está sendo oferecida. Após concluir sua avaliação, passa-se normalmente a uma fase de negociação de preço, ao

ele acompanhou Alexandre, o Grande, em sua expedição à Índia. Dizem que, durante essa expedição, Pirro encontrou alguns “sábios nus” (*gymnosophistai*); Diógenes Laércio (9.61) afirma que sua filosofia se desenvolveu como resultado desse encontro, mas não fica claro qual é o fundamento desta afirmação, se é que há algum.” (Bett, 2014, §§ 0-1; tradução própria)

²⁷ Na época de Luciano, o Império Romano havia reconhecido oficialmente quatro escolas filosóficas: a Academia (de Platão), o Liceu (ou o Perípatos de Aristóteles), o Pórtico (ou a Στοά dos estoicos) e o Jardim (de Epicuro). Essas quatro escolas recebiam subvenções do governo central e tinham um representante oficial indicado como escolarca. Mas além das quatro escolas oficiais, as demais correntes mencionadas acima também eram reconhecidas e possivelmente tinham adeptos, com exceção, talvez, dos cirenaicos. (O que não quer dizer que não houvesse hedonistas naquela época, apenas que os hedonistas práticos provavelmente não estavam preocupados em se identificar como cirenaicos ou epicuristas ou qualquer coisa que o valha.)

²⁸ De fato, estes nomes não são originais. Platão, como todos sabem, fala de heraclitianos no *Teeteto* e no *Crátilo*.

²⁹ Aqui se encerra a segunda nota de rodapé alçada a texto principal (cf. n. 13 acima).

fim da qual se conclui (ou não) a venda. Depois disso o ciclo recomeça, passando-se ao próximo da fila.

Na feira de Luciano, todas as filosofias ofertadas são vendidas, com exceção de duas: a cirenaica e justamente o combo Demócrito-Heráclito que nos interessa. Em relação ao preço das filosofias vendidas, há uma variação substancial. Enquanto o acadêmico é adquirido por uma pequena fortuna, o cínico é vendido por uma ninharia. Esta gradação nos preços das filosofias de vida evidentemente reflete níveis diferentes de valoração. Por um lado, temos a valoração realizada dentro da ação narrada (por parte de vendedores e compradores) e, por outro, temos a valoração do próprio autor, Luciano. A alternativa óbvia seria supor que quanto maior o valor de venda de uma filosofia de vida, maior seria o seu próprio valor enquanto filosofia. Mas será que é isso mesmo?

Enfim, o que nos interessa neste trabalho — pois, sim, há algo que me interessou em primeiro lugar e pressupus que interessaria também a ti, caro leitor — é compreender duas coisas. (1) Por que Demócrito e Heráclito são ofertados em um pacote? (2) O que se pode concluir do fato de esta promoção não ter caído no gosto da freguesia? Naturalmente estas duas questões se desdobram em outras, as quais serão abordadas em tempo oportuno. Por ora, atendendo a requisitos formais da elaboração de artigos acadêmicos, contentemo-nos contritamente em responder a essas duas questões logo de cara, produzindo um *spoiler* e quebrando totalmente a expectativa do leitor. Assim, caso as conclusões aqui expostas não sejam do seu agrado, o leitor contrariado ou desinteressado poderá imediatamente amassar estas folhas inúteis (caso esteja lendo em meio físico) ou deletar este arquivo (caso esteja lendo em meio digital) e dedicar seu precioso tempo a atividades mais proveitosas.

Respondendo à primeira questão, acredito que Demócrito e Heráclito são ofertados num combo porque, em certo sentido, eles são uma e a mesma coisa, ou melhor, duas faces de uma mesma moeda.³⁰ A segunda questão é um pouco mais complexa, pois acredito que o

³⁰ O *porquê* disso você só conhecerá lendo o restante do texto, mas adianto que não estou sozinho nesta opinião. Fiquei muito contente de encontrar um artigo que conclui exatamente isso (Lutz, 1954), o que confere ares de convergência acadêmica sobre esta *minha* tese. Com respeito à origem da *minha* conclusão, se foi da leitura do tal

principal atrativo para a aquisição de uma filosofia (para os compradores que Luciano apresenta) é o potencial de autopromoção que uma filosofia possui. Deste modo, filosofias menos conhecidas ou praticadas como as de Demócrito e Heráclito não teriam muito apelo. Mas não é só isso. No ato da oferta do combo, o comprador fica visivelmente ofendido com a atitude dos dois avatares, porque ambos afirmam que não dão a mínima para ele. A atitude desses compradores com relação à filosofia é claramente algo que incomoda a Luciano e sua intenção com este diálogo parece ser a de denunciá-la. Isso certamente deve estar implicado nas escalas de valoração das filosofias.

Por se tratar de um processo de venda, a crítica de Luciano neste diálogo assume contornos de psicologia do consumidor. Uma forma de nos aproximarmos da valoração efetiva das filosofias apresentadas no texto (pelo menos no âmbito do próprio texto) é compreender com que tipo de consumidor estamos lidando e qual é o valor atribuído por Luciano a este tipo. Para isso será muito útil a análise realizada por George Bragues (2004) em seu belíssimo artigo *The Market for Philosophers*. O autor detalha como as filosofias são oferecidas no mercado de Zeus e Hermes e quais são os aspectos que mais influenciam na composição do preço de cada uma delas. A formação dos preços é diretamente ligada ao valor percebido pelos consumidores nas mercadorias que lhes estão sendo oferecidas. Isso, por sua vez, depende diretamente de conformações e estados psíquicos destes consumidores: suas preferências, desejos, anseios. E, no caso da compra e venda de filosofias de vida, está em jogo o que estes consumidores desejam *ser*, ou melhor, desejam *parecer ser*. Quanto ao real valor que tanto consumidores como filosofias têm para Luciano enquanto autor ou para a consciência autoral que paira sobre o texto, isso pode ser apreendido ou especulado a partir da compreensão do conteúdo do *ser* destes consumidores. Em outras palavras: os anseios destes consumidores, que adquirem filosofias como produtos em um mercado, são legítimos? O que se pode dizer desse desejo de aderir a um modo de vida que é o que os leva a entrar neste tipo de transação? Como você já deve ter notado, o autor (não Luciano, mas este que vos

artigo ou se foi de meu próprio engenho, isso é algo inescrutável que o leitor, feliz ou infelizmente, nunca poderá saber com certeza.

fala) não tem em grande consideração a cultura do adesismo de nossa época atual. Seria anacronismo demais supor que esta mesma ojeriza já estivesse presente em Luciano no século II?³¹

(Se você não leu o diálogo de Luciano, leia agora pelo menos o trecho da venda do combo de que estamos tratando.)

Antes de prosseguir, porém, é mister apresentarmos o texto de Luciano relativo à venda dos avatares da filosofia de Demócrito e Heráclito.³² O trecho a seguir aparece nas páginas 13 e 14 da edição de referência do *Vitarum auctio* e se inicia imediatamente após a constatação de que o cirenaico não será comprado.³³ Hermes declara o insucesso da venda do cirenaico a Zeus, que responde o seguinte:

[Zeus] — Se é assim, apresente o próximo; aliás, ofereça estes dois aí: o abderita risonho e o efésio chorão, pois quero vendê-los ao mesmo tempo.

[Hermes] — Vocês ouviram?³⁴ Desçam daí os dois; aqui para o meio. Meu senhor, minha senhora, vendo as duas melhores filosofias, as mais sábias de todas que nós temos.

[Comprador] — Zeus do céu! Que contraste! Um não para de rir um minuto sequer, enquanto o outro parece uma viúva de luto: não para de chorar. Ei, você, o que é isso? Qual é a graça?

³¹ Aqui se encerra a Introdução deste artigo. Passaremos agora para o desenvolvimento das hipóteses formuladas na esperança de que, ainda que não convençam o leitor rigoroso, sirvam ao menos como uma forma de entretenimento.

³² Além de permitir que o leitor tenha acesso ao texto que estamos examinando (o que, aliás, seria ainda mais proveitoso se o leitor se desse ao trabalho de ler o pequeno diálogo de Luciano integralmente), a tradução que apresento a seguir atende à demanda que originou *originalmente* a execução deste trabalho, a saber, a tradução de uma porção relativa à venda de uma (ou, no caso, duas) vidas filosóficas, que era o trabalho de conclusão do curso ministrado pelo excelente professor Olimar Flores Júnior da Faculdade de Letras da UFMG no longínquo ano de 2015.

³³ Para economizar espaço, não apresentarei o texto grego.

³⁴ Tomei a liberdade de fazer algumas inserções como essa para dar movimento à cena. Elas não estão no original grego, mas também não interferem no sentido da passagem.

[Avatar democritiano] — Isto perguntai? Ora, rio porque para mim todas as vossas coisas parecem ridículas, e vós mesmos o pareceis.³⁵

[Comp.] — Como é que é? Você tá rindo da nossa cara e ainda por cima diz que as nossas coisas não valem nada?

[Av. dem.] — Assim é; pois nenhuma coisa é, em si mesma, digna de interesse e todas as coisas são vazias, e a infinidade delas é apenas o movimento de indivisíveis.³⁶

[Comp.] — Até parece! Vazio é você, seu ignorante. Cretino! Não vai parar mesmo com essa risada?³⁷ E você, amigo, por que chora tanto? Não acha que você ficaria melhor na fita falando sem choramingar?

[Avatar heraclitiano] — Choro, estranho, pois creio que as coisas humanas são miseráveis e lamentáveis, e que não há nenhuma delas que não seja perecível. Sinto pena delas e lamento, pois não penso que sejam grande coisa as que aí agora estão; e quanto às que ocorrerão no futuro, eis que serão cabalmente dolorosas. Falo das conflagrações e do colapso universal. Lamento, posto que não há uma coisa durável sequer, mas como que para um grande mingau todas elas se juntam. Pois o próprio prazer é desagradável, o saber ignorante, o grande pequeno, e as coisas de cima vão para baixo (e vice-versa) e vão se alternando no passatempo da era.

[Comp.] — Mas que negócio é esse de “era”?

³⁵ Os dois avatares utilizam o grego jônico. É comum adotar um tom mais “antigo”, em segunda pessoa, para traduzir o dialeto. Cf., por exemplo, a tradução de Harmon (1915).

³⁶ Demócrito, dizem, diria que as coisas visíveis não são nada além de átomos e vazio. Cf., por exemplo, este fragmento transmitido por Galeno (DK68 B125): “segundo convenção é a cor, segundo convenção o doce, segundo convenção o amargo, mas, na verdade, somente átomos e vazio.” (DK = Diels & Kranz, 1960)

³⁷ O trecho que começa na frase seguinte e vai até a palavra “lunático” (nesta tradução) na última fala do Comprador corresponde à “imitação” DK22 C5. (Na coletânea de DK, a letra **A** se refere a testemunhos, **B** a fragmentos e **C** a imitações. Nem todos os filósofos listados têm fragmentos de imitações. Esta é também a única inclusão do *Vitarum Auctio* de Luciano na coletânea de DK, e além dessa só há mais 3 testemunhos extraídos de obras de Luciano, o que parece indicar que Diels não o considerava uma fonte muito confiável para as notícias sobre os pré-socráticos.)

[Av. her.] — É uma criança brincando, jogando damas, espalhando, ajuntando ...

[Comp.] — E o que são os homens no meio disso tudo?

[Av. her.] — Deuses mortais.

[Comp.] — E os deuses?

[Av. her.] — Homens imortais.

[Comp.] — Por que você fala por enigmas, que nem uma esfinge? É algum tipo de charada? Parece até Apolo, deus ambíguo, que não indica nada claramente.³⁸

[Av. her.] — Porque nenhum de vós têm para mim a menor importância.

[Comp.] — Bom, se é assim, comprar você não seria algo muito inteligente.

[Av. her.] — Exorto-vos a lamentar, assim como eu, por todas as coisas, desde a juventude, tanto pelas que são compradas, quanto pelas que não são compradas.

[Comp.] — Esse aí tá é deprimido.³⁹ Eu é que não vou comprar nenhum dos dois.

[Herm.] — Pelo visto esses dois também vão ficar encalhados. (*Vit. Auct.* 13-14, tradução própria)

Tendo falhado na venda do combo Demócrito-Heráclito, a dupla Zeus e Hermes prossegue com a venda do acadêmico.

Análise mercadológica dos produtos vendidos na feira livre de filosofias de vida promovida pelos deuses Zeus (detentor dos produtos) e Hermes (o feirante), com vistas a estipular o real valor dos produtos, a despeito do imperativo da lei da oferta e da demanda.⁴⁰

³⁸ “O Loxias” não me pareceu uma referência muito óbvia, por isso resolvi nomear o deus Apolo. A esfinge também não é mencionada, mas se trata de mais uma adição para melhorar a fluidez da fala em português.

³⁹ Literalmente, sofre de melancolia.

⁴⁰ O leitor atento (sempre ele!) notará que esta rubrica interessa à defesa da tese nº 2 apresentada na Introdução e talvez se pergunte se, metodologicamente não seria mais adequado iniciar pela defesa da tese nº 1. Quanto a isso, porém, fique o leitor descansado porque a resolução do problema colocado pela tese nº 2 depende da resolução do problema colocado pela tese nº 1, de modo que este artigo terá apenas e tão somente um item (considerando que o anterior era um *parêntesis*), o que já é mais do que o necessário.

Passemos agora à análise das características de interesse mercadológico de cada uma das correntes filosóficas.⁴¹ Começo pela explicitação das categorias de análise e dos critérios de valoração que parecem ser levados em conta pelos compradores.

1. Orientação

Qual é a orientação principal da filosofia em questão?

- **Prática**
- **Teórica**

Vale a que for mais preponderante, já que várias delas possuem os dois aspectos. Notar ainda que o que interessa é a percepção dos consumidores, e não a verdade a respeito das doutrinas filosóficas retratadas.

2. Epistemologia

De que maneira a filosofia se posiciona, no mais das vezes, diante da afirmação do conhecimento?

- **Convicta**
- **Cética**

Não se trata, portanto, da questão mais dura a respeito da possibilidade do conhecimento, muito embora, naturalmente, aquele que faz este tipo de questionamento deva ser caracterizado como cético.

3. Ontologia

Aqui, o objetivo é marcar a presença ou não de uma tese ontológica forte.

- **Fraca** – ou inexistente; se refere aos que, embora possam fazer afirmações do tipo *X é Y*, não se importam em postular outras realidades para além do mundo sensível.
- **Forte** – é o oposto de fraca, naturalmente.

4. Cosmologia

Qual a posição da filosofia em relação à existência ou não de uma ordenação ou princípio ordenador no cosmo?

⁴¹ Parto da análise realizada por Bragues (2004), mas acrescento categorias e critérios não explicitados por ele. Saber quais são dele e quais são meus não faz a menor diferença para a compreensão deste artigo.

- **Ordenada** – há ordem e harmonia no universo, garantido por algum princípio ordenador transcendente ou imanente.
- **Contingente** – o universo é o produto de forças mecânicas cegas; embora haja causalidade mecânica, não há finalidade.

5. Teologia

Qual a posição da filosofia em relação à existência dos deuses? Como, em geral, a filosofia antiga admite que o divino existe, pelo menos como o que é eterno e imutável, a categoria gira em torno principalmente da existência de deuses com intencionalidade, capazes de afetar a esfera humana.

- **Teísta** – há deuses que interferem na esfera humana.
- **Ateísta** – não há deuses.
- **Agnóstica** – se há ou não há, não é possível saber com certeza, mas acredita-se que eles não interfiram na esfera humana.

6. Alma

Qual é a natureza da alma humana?

- **Imortal** – a alma tem uma natureza própria e permanece mesmo após a morte do corpo.⁴² É importante salientar que, nas filosofias que admitem uma alma imortal está presente também algum tipo de metempsicose, ou teoria de transmigração. Do ponto de vista dos compradores, o fato de a alma não reter sua identidade no processo de transmigração é tido como uma desvantagem que reduz um pouco o valor deste item, embora ele tenha grande valia por funcionar como consolador frente ao medo da morte (Bragues, 2004, p. 243).
- **Mortal** – a alma é parte integrante do corpo e, portanto, perece junto com ele.⁴³ Aos compradores interessa saber

⁴² Sobre este ponto, Bragues (2004, p. 243) chega a mencionar uma *natureza imaterial*, o que não me parece ser o caso. No entanto, penso que isso não chega a ser um grande problema, dado que não interfere nos argumentos.

⁴³ Novamente, Bragues parece deslocar equivocadamente a discussão, pois sua oposição é entre uma alma *imaterial* (imortal) e uma alma *material* (mortal). Creio, porém, que

se a alma perece junto com o corpo, o que faria com que a identidade do indivíduo perecesse junto com ela. Para alguns isso justificaria o receio diante da morte.

7. Comportamento

Há alguma regra de comportamento (em geral, algum tipo de prescrição restritiva)?

- **Ascético** – aplica restrições de comportamento como abstinência sexual, de alimentos ou de bebidas, a necessidade de ficar calado (como no caso dos pitagóricos), ou a imposição de hábitos extremos (como no caso cínico, por exemplo, que valoriza o exercício da pobreza extrema como meio de fortalecimento do corpo).
- **Hedonista** – considera como virtude o desfrute dos prazeres.
- **Neutro** – propõe um equilíbrio entre os dois tipos de comportamento acima ou nenhum deles (como no caso cético).

8. Atitude

Qual é a atitude geral da filosofia no âmbito ético-político?

- **Apolítica** – se retira das questões políticas.
- **Engajada** – se envolve em questões políticas e propõe algum tipo de posicionamento forte.
- **Neutra** – não se manifesta nem contra ou a favor do engajamento político, mas também não prescreve a abstenção.
- **Controversa** – se envolve, mas de modo inesperado ou mesmo anticonvencionalista (caso do cinismo, principalmente).

Além destas categorias, que têm a finalidade reducionista de fazer as filosofias caberem numa tabela,⁴⁴ precisamos de critérios objetivos

nem no caso dos platônicos a alma é pensada como coisa imaterial.

⁴⁴ O leitor rigoroso deve se preparar para uma crise alérgica a ser deflagrada daqui a algumas páginas. Note, porém, que sem este tipo de método não existe a disciplina chamada Economia. Note ainda que a referida disciplina – uma das ciências com maior índice de falhas preditivas desde que ela foi alçada a este status – é muito mais

para estabelecer o valor de cada uma delas para os consumidores. Como este tipo de produto é de forte apelo psicológico,⁴⁵ os critérios de escolha passam por uma certa percepção de *Qualidade*, que, por sua vez, tem a ver com a percepção do consumidor a respeito do quanto uma determinada filosofia se coaduna com suas próprias preferências (Bragues, 2004, p. 242). Qualidade é um critério difuso que poderia ser traduzido mais objetivamente nos termos dos seguintes critérios:

1. Resiliência

A capacidade de uma filosofia em resistir ao teste do tempo. Uma filosofia será mais valorizada na medida em que for capaz de resistir ao teste do tempo, isto é, se não tiver sido abandonada, seja enquanto doutrina, seja enquanto prática, e se possuir adeptos contemporaneamente (Bragues, 2004, p. 241).

2. Popularidade

Quanto maior sua rede de seguidores, mais ela tende a ser valorizada. Há pelo menos duas atitudes do ponto de vista do consumidor que valorizam a popularidade: uma é *prudencial* e a outra, puramente *adesista*. Há ainda a possibilidade de desvalorização da popularidade por parte daqueles que seriam, segundo Bragues, *empreendedores*, mas este não parece ser o caso dos consumidores retratados no diálogo (Bragues, 2004, p. 241).

determinante para o humor deste e de qualquer outro leitor do que a Filosofia. Sendo assim, tome seu antialérgico e prepare-se para fortes emoções.

⁴⁵ O termo técnico é *credence goods*, algo como *bens de confiança*. Ou seja, uma coisa que você compra sem ter a certeza de que lhe trará os resultados prometidos. É diferente de uma lâmpada, por exemplo, que pode ser testada diante de você pelo vendedor. Este tipo de bem promete um resultado a longo prazo e depende de uma porção de variáveis, de modo que é impossível ter certeza se ele efetivamente produzirá os resultados esperados. Por isso, do ponto de vista da psicologia do consumidor, tem muita importância o nível de confiança transmitido pelo vendedor, a reputação do produto, a comunidade (e o testemunho) de outras pessoas que já o utilizaram etc. É mais ou menos o mesmo modo pelo qual os consumidores de serviços como “trago a pessoa amada em 10 dias” tomam as suas decisões de consumo. Ou ainda, a turma do *crowdfunding*.

- Na modalidade *prudencial*, um maior nível de popularidade é tido como útil porque facilita o aprendizado da teoria, dado que é mais fácil encontrar outros seguidores com quem se consultar sobre ela.
- Na modalidade *adesista*, o que interessa é satisfazer a necessidade de fazer parte de um grupo.

Para os fins da análise que se seguirá, adotarei a postura (novamente reducionista) de que as duas dimensões estão combinadas e autoimplicadas, com uma leve preponderância da modalidade adesista.

3. Solenidade

Filosofias que carregam ares de solenidade, importância, majestade etc. são valorizadas porque têm o potencial de conferir status social para os que as praticam. Manifestações de solenidade são tidas geralmente como signo de sabedoria.

4. Esperteza

Filosofias que capacitam o consumidor a se tornar mais habilidoso nos discursos, aumentando sua presença de espírito, ou ensinando-lhes truques retóricos e argumentos inteligentes, como no caso dos estoicos, são valorizadas tanto porque podem conferir status (devido aos ares de inteligência), quanto por razões prudenciais.

5. Exclusividade

A sensação de que o pertencimento a um determinado grupo confere status diferenciado aos seus membros. A presença de exigências difíceis, por exemplo, pode ser mais ou menos valorizada na medida em que são percebidas como uma espécie de rito de iniciação para uma comunidade especial. A ideia de uma seleção de adeptos com base em aptidões cria uma aura de exclusividade (Bragues, 2004, p. 241). A diferenciação entre *exotéricos* e *esotéricos* pode ser também considerada vantajosa dentro deste critério.

Os critérios são aplicados segundo uma escala de valores padronizada:

- 9 = Muito Alta
- 7 = Alta
- 5 = Média

- 3 = Baixa
- 1 = Muito Baixa (ou nula)

Outro elemento importante para nossa análise diz respeito ao valor de venda de cada uma das filosofias negociadas. Os valores são apresentados segundo as unidades monetárias da antiguidade, o que não significa muita coisa para o leitor contemporâneo. Diante disso, tomei a liberdade de propor um critério de conversão para a unidade monetária da República Federativa do Brasil, com valores relativos a julho de 2024. Para calcular o valor atual, utilizarei como parâmetro o *salário mínimo* desta mesma república que, na época em questão, valia R\$ 1.412,00.⁴⁶ O salário mínimo é um bom parâmetro uma vez que, por um lado, é sabido que 1 dracma equivalia ao salário de um dia de trabalho de um artesão e, por outro, há evidências de que, à época de Sócrates, 3 óbolos (ou ½ dracma) por dia seriam suficientes para que um cidadão pobre tivesse o mínimo que o permitisse viver dignamente.⁴⁷

Uma vez estabelecido o parâmetro, podemos realizar as conversões, como se segue:

- 1 dracma = 1 dia de trabalho = R\$ 1.412,00 ÷ 22 = R\$ 64,18
- 1 óbolo = 1 dracma ÷ 6 = R\$ 10,70
- 1 mina = 100 dracmas = R\$ 6.418,00
- 1 talento = 60 minas = R\$ 385.080,00

Saber quanto custam estas vidas em BRL⁴⁸ não acrescenta absolutamente nada à compreensão do diálogo.⁴⁹ No máximo ajuda

⁴⁶ Este salário mínimo, num país em que deputados, juízes e outros políticos podem acumular, entre salários e benefícios, vencimentos que ultrapassam às vezes em muito os R\$ 50.000,00 é, sem dúvida, uma vergonha, mas é o que temos para hoje.

⁴⁷ Cf. o que diz Grote (1856, p. 597) sobre o assunto. O que ele discute ali é uma espécie de *Bolsa Família* proposta por Xenofonte em *Sobre os rendimentos* (*De vectigalibus*), muito à frente de seu tempo.

⁴⁸ Sigla internacional da moeda brasileira.

⁴⁹ Afinal de contas, quanto se pagaria por uma filosofia? O preço de uma faculdade? O preço de 10 anos de aulas de judô? E mesmo que se restrinja ao cenário armado por Luciano, quanto valeria um escravo nos dias de hoje? Vale muito pouco, aliás, se pensarmos nos milhões de escravizados que existem por aí no mundo. Ainda que se pretendesse converter o valor de um escravo da época para valores atuais, com a exceção do capitalista, a maior parte de nós já não é capaz, hoje em dia, de compreender

perceber com mais facilidade qual é o valor de venda relativo entre as diferentes filosofias.

E agora que temos categorias classificatórias, critérios de valoração e a taxa de câmbio estabelecidos, podemos finalmente iniciar a análise. Começemos pela classificação de cada uma das filosofias.⁵⁰

Pitagorismo

- Orientação **prática**⁵¹
- Epistemologia **convicta**
- Ontologia **forte**
- Cosmologia **ordenada**
- Teologia **teísta**⁵²
- Alma **imortal**
- Comportamento **ascético**
- Atitude **engajada**

Resiliência Média. Se, por um lado, o pitagorismo é a filosofia mais antiga que ainda resiste, por outro, o modo como ela resiste é um pouco difuso. Está um pouco presente dentro do platonismo e aparece num neopitagorismo que talvez seja muito mais uma religião do que uma filosofia.

o tornar [explicitamente] uma pessoa em mercadoria, quanto menos se o preço dessa mercadoria é caro ou barato.

⁵⁰ Abster-me-ei de fornecer referências que justifiquem todas as classificações que serão apresentadas a seguir, não só porque isso seria extremamente trabalhoso e enfadonho, mas sobretudo porque estamos tratando aqui da percepção popular e estereotipada dessas filosofias. Resumos qualificados de cada uma delas (mas que permitem entrever esta percepção popular) podem ser encontrados nas notas 16 a 26, que, na nota 15 acima, eu sugeri pular para quem, naquele momento, estivesse com preguiça de lê-las. Os artigos da *SEP* referidos naquelas notas, aliás, são um bom ponto de partida para encontrar as referências que eu me abstive de fornecer aqui.

⁵¹ O pitagorismo, embora tenha elementos teóricos importantes como a teoria dos números, coloca-se eminentemente como uma prática de grupo mística ou mesmo religiosa.

⁵² Não é muito clara a atitude do pitagorismo em relação aos deuses do panteão tradicional. No entanto, a tétrade é colocada como objeto de juramento (o que faz supor que tenha algum poder ou caráter especial) e a própria figura do mestre é cercada de uma atmosfera divina.

Popularidade Baixa. O fato de o pitagórico ser adquirido por um consórcio de italianos, além de se referir obviamente ao local onde essa filosofia mais prosperou (na Magna Grécia, atual Itália), pode sinalizar que, embora conhecida, ela era considerada um costume estranho, estrangeiro em Atenas. Isso, por sua vez, sugere que o pitagorismo, embora presente, talvez não fosse muito popular entre os atenienses.

Solenidade Muito Alta. O pitagórico do diálogo se apresenta com uma incrível pompa, como se fosse uma espécie de sacerdote ou profeta (*Vit. Auct.* 2)

Esperteza Alta. O pitagorismo capacita o consumidor a executar prodígios e todo tipo de charlatanice.⁵³

Exclusividade Muito Alta. Como um culto misterico, o pitagorismo é só para iniciados, possuindo uma aura de exclusividade dificilmente alcançada pelas demais filosofias.

Preço de venda: 10 minas ou R\$ 64.180,00.⁵⁴

Cinismo

- Orientação **prática**
- Epistemologia **cética**⁵⁵

⁵³ Uma interpretação alternativa que é muito interessante é a de Allinson (1926, p. 49), que considera que a verdadeira motivação para a compra não é o fato de o comprador ter ficado deslumbrado com a majestade e sagacidade do pitagórico — entendendo que seus elogios a ele em *Vit. Auct.* 4 são irônicos —, mas o fato de que a coxa de ouro poderia render um bom dinheiro como investimento.

⁵⁴ Preço bastante alto, mas deve-se lembrar que o pitagórico é curiosamente adquirido por um consórcio de uns 300 italianos, que fazem uma vaquinha. Dividindo o valor por 300 chega-se a R\$ 213,93 por cabeça.

⁵⁵ O cinismo é cético em relação à atitude humana. Questiona a aparência dos homens e seus discursos versus o que eles são de fato. Não se trata, portanto, de um ceticismo como o acadêmico ou o pirrônico, mas não deixa de ser uma forma de ceticismo. Ele também se revela na ausência de teorias ontológicas e cosmológicas. O próprio Luciano, ao mesmo tempo que tem muito apreço pelo cinismo (cf. o capítulo 2 da parte I de Brandão, 2001) e chega até mesmo a ser considerado um cínico, se mostra cético em relação a certas celebridades do meio religioso e filosófico (cf., por exemplo, *Alexandre, o falso profeta* e *A passagem do Peregrino*).

- Ontologia **fraca**⁵⁶
- Cosmologia **contingente**⁵⁷
- Teologia **agnóstica**⁵⁸
- Alma **mortal**
- Comportamento **ascético**
- Atitude **controversa**

Resiliência Alta. O cinismo está em plena atividade à época de Luciano, mesmo não tendo sido reconhecido formalmente pelo governo romano.

Popularidade Baixa. O cínico se porta de modo inadequado para os padrões da época e é visto como um mendigo. Não são muitas as pessoas dispostas a assumir publicamente esta figura.

Solenidade Muito Baixa. Ainda que haja mendigos que se julgam solenes como reis, esta percepção não é, em geral, compartilhada pelas pessoas ao seu redor.

Esperteza Muito Baixa. O cínico propõe uma atitude que pode ser considerada imprudente, como abusar dos ricos e poderosos, por exemplo. Além disso, ele sugere que se jogue o dinheiro fora, o que é um sinal de burrice para o homem prático, que se viva (na percepção dos consumidores) como um animal, comendo o que for possível e dormindo onde for possível, mesmo que sob as intempéries (*Vit. Auct.* 10). Nada disso pode ser considerado muito inteligente pelos consumidores, apesar de ele ter umas tiradas sagazes.

Exclusividade Muito Baixa. A pobreza que envolve o cínico remove qualquer possibilidade de exclusividade na visão do consumidor,

⁵⁶ Não se entra no mérito de se estabelecer princípios, como no caso dos dogmáticos. É uma corrente eminentemente ética.

⁵⁷ Por dedução, a partir da atitude epistemológica e ontológica; mas deve-se ter em mente que esta é outra questão que também não se coloca.

⁵⁸ Outra questão difícil. Diógenes, o Cão, menciona os deuses em vários relatos de Diógenes Laércio, como por exemplo, quando afirma que todas as coisas pertencem aos sábios porque eles são amigos dos deuses (DL, VI, 37). No entanto, isto é claramente uma metáfora. Allinson (1926, p. 52), por exemplo, afirma sem maior cerimônia que Luciano parece se sentir atraído pela rejeição do politeísmo por parte dos cínicos. Considerando que o que há de fato, para os cínicos, é simplesmente natureza, é possível pensar que não haja intencionalidade no divino, se é que há deuses.

que tende a associá-la mais prontamente com a riqueza. É, na verdade, o contrário de tudo o que ele quer ser. O comprador chega a dizer que a proposta do cínico é “abominável e inumana” (*Vit. Auct.* 11).

Preço de venda: 2 óbolos = R\$ 21,40.⁵⁹

Hedonismo cirenaico

- Orientação **prática**
- Epistemologia **convicta**⁶⁰
- Ontologia **fraca**⁶¹
- Cosmologia **contingente**⁶²
- Teologia **agnóstica**⁶³
- Alma **mortal**⁶⁴
- Comportamento **hedonista**
- Atitude **apolítica**

Resiliência Baixa. O hedonismo provavelmente não durou muito enquanto atitude filosófica séria. Por outro lado, a atitude hedonista sempre existiu, embora nem sempre com pretensões filosóficas.

Popularidade Muito Baixa. Enquanto filosofia. Embora o abuso dos prazeres sempre tenha sido algo muito popular, ser um bêbado, tal como o avatar do hedonismo, é geralmente considerado vergonhoso.

Solenidade Muito Baixa.

⁵⁹ É importante notar que o comprador não está interessado na filosofia cínica, mas na força física do cínico para ser usado como cão de guarda, furador de poço ou carregador. Zeus e Hermes queriam se livrar dele de qualquer maneira, vendendo-o por um trocado e sem se darem ao trabalho de negociar.

⁶⁰ O hedonista está convencido de que o prazer é o Bem supremo.

⁶¹ Porque não entra no mérito da questão a respeito do *ser* das coisas, exceto da natureza do Bem, que é o prazer.

⁶² Por dedução a partir da atitude geral. O prazer imediato deve ser buscado porquanto efêmero.

⁶³ Embora seja difícil fazer uma afirmação, a atitude geral parece indicar que os deuses não fazem muita diferença, quer existam, quer não.

⁶⁴ Deduzível a partir da efemeridade do Bem. O hedonismo surge da necessidade de gozar dos prazeres imediatos já que tanto o prazer como a vida passam muito rápido.

Esperteza Baixa. Se, por um lado, curtir a vida pode ser um sinal de esperteza, o modo extremado como é realizado no hedonismo não parece ser muito inteligente.

Exclusividade Baixa. É difícil estipular a gradação desta categoria. Ser um filósofo bêbado, o que é lá relativamente comum, talvez seja indiferente, já que isso não o diferencia dos bêbados não-filósofos. Outra questão é o fato de que boa parte dos ricos costuma padecer de males derivados de práticas hedonistas.⁶⁵ Seria o caso de pensar, talvez, que, sendo este um traço comum das pessoas que buscam filosofias (e visto, em geral, como pouco virtuoso), elas querem, na verdade, ocultar esta falha de caráter adquirindo uma aparência diferente.

Preço de venda: 0.

O combo Demócrito + Heráclito

- Orientação **teórica**
- Epistemologia **convicta**
- Ontologia **forte**
- Cosmologia **contingente**
- Teologia **agnóstica**⁶⁶

⁶⁵ Os ricos parecem ser o principal foco da crítica de Luciano: “Assim, parece-me que, em geral, interessa a Luciano criticar os hábitos das altas esferas, escrevendo para elas. Um bom exemplo poderia ser lembrado, relativo às alusões de caráter medicinal: as doenças insistentemente referidas em diversas passagens parecem ter como elo comum o fato de serem males que geralmente acometem os ricos, como consequência de seus desregramentos no comer, no beber e no desfrute dos prazeres; julgo também ponderada a conclusão de Caster de que a crítica às práticas religiosas e aos filósofos só pode ser bem avaliada enquanto crítica à cultura, mas tentaria dizer com mais rigor: enquanto crítica aos homens cultos. É justamente porque essa crítica geral à cultura se realiza como crítica aos homens cultos que a obra de Luciano deixa de situar-se na esfera do ‘mero divertimento’, para adquirir uma função social, assumindo o caráter de denúncia dos hábitos dos abastados, dos que se pretendem sábios, mas, sem dúvida, não passam de ricos, não conhecendo sequer os proveitos elevados que podem tirar da riqueza.” (Brandão, 2001, p. 149).

⁶⁶ No caso de Demócrito, isso pode ser depreendido de um comentário presente na venda do epicurista, do qual é dito que é discípulo de Demócrito, porém, em certo sentido, mais ímpio (*Vit. Auct.* 19). Ou seja, Demócrito também é ímpio em certo sentido. No caso de Heráclito, sua teologia parece também ser do tipo filosófico (o divino como princípio).

- Alma **mortal**
- Comportamento **neutro**⁶⁷
- Atitude **controversa**⁶⁸

Resiliência Muito Baixa. À época do leilão parece não haver mais pessoas que se dizem democritianas ou heraclitianas.

Popularidade Muito Baixa.

Solenidade Baixa. O ar de sabedoria que os dois transmitem é um pouco solapado por sua estranha postura (um que ri e o outro que chora).

Esperteza Média. Na verdade, o consumidor não consegue avaliar este quesito muito bem porque tem dificuldade em compreender o discurso deles. Assim, considero que o resultado se revela indiferente: a dificuldade do discurso poderia indicar alguma sabedoria, mas a incompreensibilidade torna estas filosofias pouco úteis e, na verdade, estranhas.

Exclusividade Muito Baixa. Algo que não está presente não pode ser considerado exclusivo.⁶⁹

Preço de venda: 0.

Platonismo

- Orientação **teórica**
- Epistemologia **convicta**
- Ontologia **forte**
- Cosmologia **ordenada**
- Teologia **teísta**
- Alma **imortal**

⁶⁷ Embora tanto Demócrito quanto Heráclito tenham uma vasta obra de cunho ético, sua representação em Luciano parece deixar isto de lado, principalmente no caso de Demócrito.

⁶⁸ Demócrito e Heráclito estão rindo e chorando, respectivamente, por causa dos homens e do que estes pensam saber sobre o mundo, mas também por causa do modo como conduzem suas vidas, dizendo que nada do que eles fazem têm a menor importância. Esta atitude não pode ser dita nem engajada – posto que o engajamento pressupõe uma valorização da atividade política –, nem apolítica – uma vez que o riso ou choro não é, de modo algum, signo de indiferença. Mas é uma atitude que confunde o consumidor, por isso, controversa.

⁶⁹ Segundo Allinson (1926, p. 53), Heráclito é visto como fora de moda e Demócrito como impraticável.

- Comportamento **neutro**⁷⁰
- Atitude **engajada**

Resiliência Muito Alta.

Popularidade Alta.

Solenidade Muito Alta. O avatar é chamado de *santidade* (*Vit. Auct.* 15).

Esperteza Muito Alta. A teoria das ideias é vista como sendo algo muito engenhoso. Também o é a teoria política, em referência que parece se dirigir à *República*.

Exclusividade Alta. É comprada por Díon, o tirano de Siracusa (*Vit. Auct.* 19). Portanto, é coisa de gente rica e nobre.

Preço de venda: 2 talentos = R\$ 770.160,00.

Epicurismo

- Orientação **prática**⁷¹
- Epistemologia **convicta**
- Ontologia **forte**
- Cosmologia **contingente**
- Teologia **agnóstica**
- Alma **mortal**
- Comportamento **hedonista**⁷²
- Atitude **neutra**⁷³

Resiliência Alta.

⁷⁰ Embora o conhecimento seja adquirido pelo exercício (gr. ἄσκησις, que gera a nossa palavra *ascetismo*) da dialética, Sócrates também é mostrado como alguém que aprecia certos prazeres. De modo que, na média, a coisa fica meio elas por elas.

⁷¹ Basta lembrar que tanto a Física, quanto a Canônica são subordinadas à Ética, e são, na verdade, ferramentas para conferir tranquilidade à alma.

⁷² O prazer é o Bem supremo, mas não como no caso do hedonismo cirenaico. Há gradação de prazeres e há prazeres ruins (porque eventualmente causam dor). Além disso, é viável suportar uma dor momentânea em vista de um prazer mais a longo prazo. É neste sentido que Luciano diz que o epicurismo é uma versão melhorada do hedonismo (*Vit. Auct.* 19).

⁷³ Epicuro é dito *agradável* (*Vit. Auct.* 19). Há uma preocupação com a vida em sociedade, relação com os amigos e as pessoas em geral, mas ele normalmente evitará o conflito político (que causa sofrimento).

Popularidade Alta.

Solenidade Média. Na verdade, neutra, embora o próprio Epicuro, ele mesmo, tenha assumido ares de solenidade, isso não aparece muito no diálogo.

Esperteza Alta. É dito que ele sabe, em certo sentido, mais do que Demócrito e o cirenaico, uma vez que é mais ímpio do que os dois (*Vit. Auct.* 19), o que é ao mesmo tempo uma referência à atitude em relação aos deuses e ao seu hedonismo.

Exclusividade Média. Não é muito caro, nem pouco difundido, nem muito difícil de ser seguido.

Preço de venda: 2 minas = R\$ 12.836,00.

Estoicismo

- Orientação **prática**⁷⁴
- Epistemologia **convicta**
- Ontologia **forte**
- Cosmologia **ordenada**
- Teologia **teísta**
- Alma **mortal**
- Comportamento **ascético**
- Atitude **engajada**⁷⁵

Resiliência Alta.

Popularidade Muito Alta. É a filosofia mais popular daquela época.

Solenidade Alta. Os estoicos se dão ares de solenidade, com sua pompa de importância e seus discursos elaborados.

Esperteza Muito Alta. São habilíssimos em armadilhas retóricas, o que tem grande utilidade política.

Exclusividade Média. Por ser muito popular, não é exatamente uma doutrina exclusiva.

⁷⁴ Muito parecido com o epicurismo neste quesito. Embora, tenha dado, talvez, um pouco mais de valor à Lógica, o estoicismo continua sendo eminentemente prático.

⁷⁵ O estoicismo é a filosofia mais popular nos círculos do poder romano da época de Luciano.

Preço de venda: 12 minas = R\$ 77.016,00.⁷⁶

Aristotelismo

- Orientação **teórica**
- Epistemologia **convicta**
- Ontologia **forte**
- Cosmologia **ordenada**
- Teologia **teísta**
- Alma **mortal**
- Comportamento **neutro**
- Atitude **engajada**

Resiliência Alta.

Popularidade Alta. Segundo Bragues (2004, p. 248), o fato de o aristotelismo possuir versões exotéricas permite que ele alcance um público muito grande.

Solenidade Alta. Sua solenidade se depreende da sua pretensão de saber de absolutamente tudo, e também da divisão entre ensinamentos exotéricos e esotéricos.⁷⁷

Esperteza Muito Alta. Aristóteles sabe a respeito de absolutamente tudo. Neste sentido, seu conhecimento é tido como muito útil pelos consumidores.

Exclusividade Muito Alta. A versão esotérica confere ares de exclusividade para os verdadeiramente engajados.

Preço de venda: 20 minas = R\$ 128.360,00.

Ceticismo pirrônico

- Orientação **prática**
- Epistemologia **cética**
- Ontologia **fraca**⁷⁸
- Cosmologia **contingente**⁷⁹

⁷⁶ O estoico, assim como o pitagórico, também é comprado por um consórcio. Neste caso, porém, o que Luciano parece querer enfatizar é a popularidade do estoicismo.

⁷⁷ Esta é a única filosofia para a qual, de fato, esta distinção é mencionada.

⁷⁸ Na verdade, ele não sabe.

⁷⁹ *Idem.*

- Teologia **agnóstica**
- Alma **mortal**⁸⁰
- Comportamento **neutro**
- Atitude **neutra**

Resiliência Média. O ceticismo enquanto escola não tem tanto sucesso quanto as escolas dogmáticas. Ele morre e ressurge sazonalmente.⁸¹

Popularidade Baixa. É muito difícil se manter numa atitude cética como a apregoada pelos pirrônicos. As pessoas normalmente procuram algo a que possam se agarrar um pouco mais firmemente em termos de crença (Bragues, 2004, p. 248).

Solenidade Média. Na verdade, ele parece ser neutro em relação a isso.

Esperteza Muito Baixa. A atitude do pirrônico é nitidamente retratada como estúpida e chega mesmo a irritar o comprador (*Vit. Auct.* 27; cf. Bragues, 2004, p. 248).

Exclusividade Muito Baixa. Considerando que o cético é retratado como um burro e ainda o quanto a burrice é universalmente bem distribuída, conclui-se que o ceticismo é bem pouco exclusivo do ponto de vista do interesse desses compradores.

Preço de venda: 1 mina = R\$ 6.418,00.

Finalmente, depois de quase uma dezena de páginas com conteúdo técnico extremamente entediante, podemos sintetizar os resultados desta análise em algumas tabelas. Isso permitirá ao leitor ter uma visão mais panorâmica e resumida de toda a parafernália que foi apresentada há pouco.⁸² A **Tabela 1** apresenta as diferentes filosofias, classificadas segundo as categorias estabelecidas.

⁸⁰ *Idem.*

⁸¹ Mesmo se se considerar o ceticismo acadêmico, que tem uma fortuna importante, mas não é perene dentro do platonismo.

⁸² Além disso, o leitor atento, que se deu ao trabalho de dar uma folheada neste artigo e reparou de antemão que havia estas tabelas aqui, tem a opção de pular toda a fatídica classificação e avaliação das filosofias, acessar diretamente as tabelas para ter um resumo, e prosseguir até a conclusão. Ao leitor rigoroso, que leu tudo diligentemente até aqui e ainda não desistiu, só posso oferecer minhas congratulações.

Tabela 1: Classificação objetiva das filosofias de vida na feira livre de Luciano.								
Filosofia	Orientação	Epistemologia	Ontologia	Cosmologia	Teologia	Alma	Comportamento	Atitude
Pitagorismo	Prática	Convicta	Forte	Ordenada	Teísta	Imortal	Ascético	Engajada
Cinismo	Prática	Cética	Fraca	Contingente	Agnóstica	Mortal	Ascético	Controversa
Hedonismo cirenaico	Prática	Convicta	Fraca	Contingente	Agnóstica	Mortal	Hedonista	Apolítica
O combo Demócrito + Heráclito	Teórica	Convicta	Forte	Contingente	Agnóstica	Mortal	Neuro	Controversa
Platonismo	Teórica	Convicta	Forte	Ordenada	Teísta	Imortal	Neuro	Engajada
Epicurismo	Prática	Convicta	Forte	Contingente	Agnóstica	Mortal	Hedonista	Neutra
Estoicismo	Prática	Convicta	Forte	Ordenada	Teísta	Mortal	Ascético	Engajada
Aristotelismo	Teórica	Convicta	Forte	Ordenada	Teísta	Mortal	Neuro	Engajada
Ceticismo pirrônico	Prática	Cética	Fraca	Contingente	Agnóstica	Mortal	Neuro	Neutra

Como nem todos os dados cabiam em uma única tabela, apresento agora a **Tabela 2**, que contém a avaliação das filosofias negociadas segundo os critérios estabelecidos. Ela também apresenta a nota final de cada filosofia, obtida pela média simples dos cinco critérios.

Tabela 2: Cálculo do valor objetivo de cada filosofia de vida negociada.

Filosofia	Resiliência	Popularidade	Solenidade	Esperteza	Exclusividade	Qualidade
Pitagorismo	5	3	9	7	9	6,6
Cinismo	7	3	1	1	1	2,6
Hedonismo cirenaico	3	1	1	3	3	2,2
O combo Demócrito + Heráclito	1	1	3	5	1	2,2
Platonismo	9	7	9	9	7	8,2
Epicurismo	7	7	5	7	5	6,2
Estoicismo	7	9	7	9	5	7,4
Aristotelismo	7	7	7	9	9	7,8
Ceticismo pirrônico	5	3	5	1	1	3,0

Fonte: elaboração própria

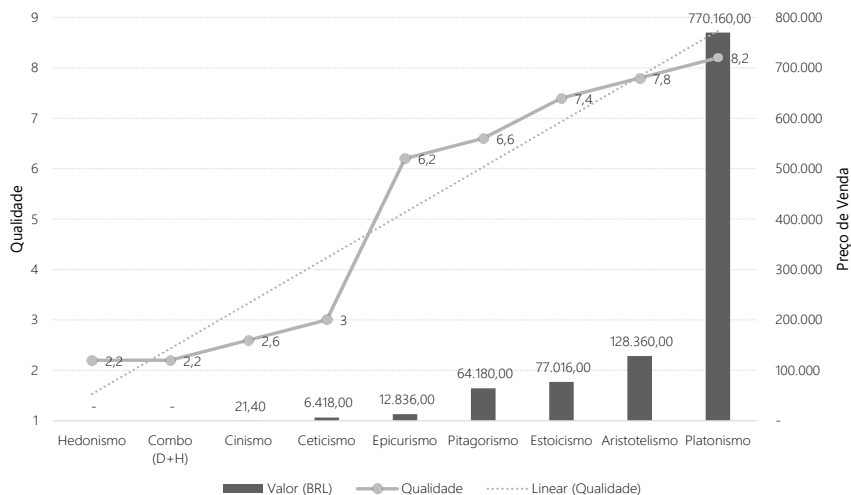
Veja ainda o resultado consolidado na **Tabela 3**, que inclui também os preços de venda.

Tabela 3: Resultado consolidado da avaliação das filosofias.			
Posição	Filosofia	Qualidade	Preço de Venda
1º	Platonismo	8,2	R\$ 770.160,00
2º	Aristotelismo	7,8	R\$ 128.360,00
3º	Estoicismo	7,4	R\$ 77.016,00
4º	Pitagorismo	6,6	R\$ 64.180,00
5º	Epicurismo	6,2	R\$ 12.836,00
6º	Ceticismo pirrônico	3,0	R\$ 6.418,00
7º	Cinismo	2,6	R\$ 21,40
8º	Hedonismo cirenaico	2,2	-
	O combo Demócrito + Heráclito	2,2	-

Fonte: elaboração própria

Considere ainda o gráfico da **Figura 1**, que mostra a relação entre a qualidade percebida pelos compradores e os preços de venda das filosofias. Repare como ele não acrescenta nada à nossa discussão, mas, sem dúvida, é um belíssimo gráfico.

Figura 1 - Preços de Venda vs. Qualidade das filosofias negociadas.



Fonte: elaboração própria

Retomemos agora, como objeto de análise, a questão do significado que a ordem de classificação das filosofias pode ter, tanto em relação aos consumidores, quanto em relação às preferências pessoais de Luciano, se é que se pode dizer algo a respeito disso. Para tanto, é interessante levantar uma base de comparação. Consideraremos então a sequência mencionada por Brandão relativa às preferências pessoais de Luciano:

Tomo como ponto de partida a sequência proposta por Caster, que classifica as diversas correntes na ordem crescente da simpatia que Luciano demonstra por elas, a saber: estoícos, acadêmicos, pitagóricos, peripatéticos, céticos, cínicos e epicuristas. (Brandão, 2001, p. 52)

Alinhando as duas sequências, e pondo a nossa em ordem inversa (já que foi estipulado na introdução que as preferências de Luciano vão na contramão das preferências dos compradores), temos o resultado que

pode ser visto na **Tabela 4**. Note também que foram removidas filosofias que não chegaram a ser vendidas.⁸³

Tabela 4: Dois rankings de filosofias – *Vitarum Auctio* e Caster

<i>Vitarum Auctio</i>	Caster
Platonismo	Estoicismo
Aristotelismo	Platonismo
Estoicismo	Pitagorismo
Pitagorismo	Aristotelismo
Epicurismo	Ceticismo
Ceticismo	Cinismo
Cinismo	Epicurismo

Fonte: elaboração própria

Como podemos ver, nada bate com nada, o que pode significar que esta análise é completamente inútil. No entanto, sempre podemos fazer alguns ajustes, dado que os dados estão em nosso poder.⁸⁴ Se removermos o ceticismo da lista,⁸⁵ e trocarmos a posição do estoicismo

⁸³ A ausência das filosofias que não foram vendidas na feira livre da lista de Caster é mais um indicativo de que estas filosofias não encontravam praticantes à época de Luciano.

⁸⁴ Repare, meu caro leitor, como as notas de Qualidade da Tabela 3 se coadunam perfeitamente com o Preço de Venda de cada filosofia. Isso certamente é muito conveniente. O leitor paranoico poderia pensar que é até conveniente demais. Será que ele tem razão?

⁸⁵ Se o leitor sensível necessitar de um argumento mais rigoroso, que tal o seguinte? Considere que o ceticismo pirrônico descrito no diálogo é, na verdade, uma farsa e totalmente inviável enquanto filosofia, porque seu resultado é a imobilidade. Considere ainda que o comprador adquire o cético não por sua filosofia, mas como uma maneira de provar que ele pode sim saber alguma coisa: o fato de que foi comprado (*Vit. Auct.* 27). Além disso, o cético pirrônico tem horror a ser considerado uma escola, afinal, uma escola tem que ter um dogma, coisa que ele não tem.

com a do aristotelismo na nossa lista,⁸⁶ chegaremos a uma situação interessante, que pode ser vista na **Tabela 4’**:

Tabela 4’: Dois rankings de filosofias (sem ceticismo)	
Vitarum Auctio	Caster
Platonismo	Estoicismo
Estoicismo	Platonismo
Aristotelismo	Pitagorismo
Pitagorismo	Aristotelismo
Epicurismo	Cinismo
Cinismo	Epicurismo

Fonte: elaboração própria

Repare como agora é possível perceber três pares de filosofias. Note ainda que invertendo os pares, dois a dois, é possível fazer com que as listas se tornem idênticas. Considere ainda que Brandão (2001, p. 52), contra Caster, defende que o cinismo é a filosofia mais bem vista por Luciano (e não o epicurismo), o que significa a inversão do terceiro par. Podemos então agora, por indução, realizar o mesmo tipo de inversão para os outros pares e, assim, chegamos efetivamente à mesma lista. É como se Caster tivesse entendido tudo pelas avessas, só que de casazinho. Deste modo, *fica provado* que Luciano nos apresenta, de forma invertida, suas próprias preferências filosóficas em sua *Feira livre de filosofias de vida*.⁸⁷

Porém, como deve recordar o leitor, nós havíamos removido duas filosofias da lista original. O hedonismo nós vamos continuar deixando de lado, entendendo que *filosofia de boteco* já não era considerada propriamente uma filosofia desde a antiguidade. Resta então lidar com

⁸⁶ Não há nenhuma razão para fazer esta troca a não ser chegar ao resultado exposto na Tabela 4’. Se o leitor aceitou o argumento da nota anterior, por que não aceitaria mais uma arbitrariedade? Apenas porque esta segunda arbitrariedade não está disfarçada de argumento fuleiro? Ora, caro leitor, convenhamos: *onde passa um boi passa uma boiada*.

⁸⁷ O que aconteceu com o leitor rigoroso? Para onde ele foi?

o significado do combo Demócrito-Heráclito. Uma possível abordagem é considerar que o fato de o combo não ser vendido significa que ele tem preço 0 (zero). Esta não é, de modo nenhum, uma aproximação trivial, diante do modo como se processam as vendas no diálogo. Quem o leu poderá atentar para o fato de que não houve nenhum caso sequer de rejeição de uma filosofia por causa do preço, isto é, não se colocou nunca em questão se uma filosofia era cara ou barata. Estes são sem dúvida consumidores exemplares: analisam o produto estritamente pelo seu valor enquanto produto e não levam em consideração o preço na hora de realizar suas escolhas. De qualquer modo, alguém poderia pensar que os preços são formulados por Hermes, o vendedor, somente *após* a análise dos consumidores, e que isso tem a ver com uma certa esperteza da parte dele, que, sendo um deus dos mais sagazes, é capaz de saber como melhor se aproveitar, digo, como melhor otimizar o preço diante do valor percebido pela mercadoria. Deste modo, o fato de uma filosofia não ser vendida pode significar que ela realmente não tenha preço. Além disso, falar em Preço de *Venda* para algo que não foi efetivamente vendido pode soar estranho para ouvidos sensíveis. No entanto, deixaremos tudo isso de lado e assumiremos, sim, que o Preço de Venda do combo Demócrito-Heráclito é igual a 0 (zero).

Com isso, e considerando que zero, embora não seja propriamente um número, se for assumido como tal, é menor do que qualquer preço, chegamos à situação de que Demócrito e Heráclito poderiam figurar num patamar até mesmo superior ao do cinismo na preferência de Luciano.

Caro leitor, peço encarecidamente ainda mais alguns minutos de sua paciência antes que você rasgue definitivamente este artigo.⁸⁸ Note que para chegar a esta efêmera possibilidade, fizemos, ou melhor, eu fiz, um conjunto de suposições hipotéticas, algumas, reconheço, um pouco forçadas. Assim, é mister tentar amenizar as coisas e chegar a um resultado mais palatável, pois esta é a coisa certa a se fazer, afinal temos que manter a compostura e a etiqueta acadêmicas. Sendo assim, me esforçarei nas próximas linhas para tentar produzir uma solução conciliatória que elimine as tensões e permita que as pessoas sigam tendo as mesmas opiniões que já tinham antes de começar esta leitura, se assim o desejarem.

⁸⁸ Especialmente se você for um simpatizante do cinismo.

Considere, então, por um instante, somente as notas obtidas pelo cinismo e pelo combo Demócrito-Heráclito em relação a cada um dos critérios de avaliação (**Tabela 2'**):

Tabela 2': Cálculo do valor objetivo de cada filosofia de vida negociada (recortada).

Filosofia	Resiliência	Popularidade	Solenidade	Esperteza	Exclusividade	Qualidade
Cinismo	7	3	1	1	1	2,6
O combo (Demócrito + Heráclito)	1	1	3	5	1	2,2

Fonte: elaboração própria

Repare como a combinação dos resultados individuais do combo e do cinismo, considerando sempre o pior resultado (já que Luciano é adepto do *quanto pior melhor*), tem o potencial de criar a *pior* filosofia possível.⁸⁹ A partir deste resultado, o autor (deste artigo) propõe a tese de que, na verdade, a pior filosofia, ou seja, a melhor, não seria nem o democrito-heraclitismo do combo nem o cinismo, tomados isoladamente, mas uma combinação dos dois. Essa superfilosofia teria todas as ferramentas para fazer frente à charlatanice desenfreada contra a qual Luciano se insurge. Veja como ele mesmo (sob o pseudônimo de Parresiasta) se define em sua defesa diante da própria Filosofia, no diálogo *Pescador*, onde ele é acusado pelos filósofos redivivos de ser um caluniador da Filosofia:

[Filosofia] — Tens razão. Que pergunta mais besta! E qual é a tua profissão? Pois isso sim vale a pena saber.

[Parresiasta] — Eu sou um tipo que odeia exibidos, fraudes, mentiras e vaidades. Odeio todos aqueles que são desta

⁸⁹ Não é preciso ser nenhum às da matemática para concluir que o resultado da Qualidade desta filosofia seria o mais baixo possível, isto é, 1.

espécie, a escória da humanidade. E eles são muitíssimos, como você deve saber.

[Fil.] — Hércules! Que profissão mais odienta!

[Parr.] — E não é? Você deve poder imaginar o quanto eu sou odiado e o quanto me arrisco por causa dela. Entretanto, a profissão mais oposta a ela eu também conheço muito bem, digo, a que tem o amor como princípio, como o amor da verdade, o amor do belo, o amor da simplicidade e tantos outros que são aparentados com o amor. Porém, são pouquíssimos os que são dignos desta profissão, enquanto os que têm mais afinidade com a outra, a do ódio, se contam aos milhares. Corro o risco, portanto, de já ter desaprendido a primeira por causa do desuso, ao passo que, com relação à segunda, eu já devo ter me tornado um especialista.

[Fil.] — Mas não tem que ser assim. Pois do mesmo homem dizem isso como aquilo. Portanto, você não precisa dividir as duas profissões, pois, embora parecendo duas, elas são, na verdade, uma só.

[Parr.] — Você sabe destas coisas melhor do que eu, Filosofia. Com certeza o meu ofício é este: odiar os canalhas e elogiar e amar os honestos. (*Pisc.* 20; tradução própria)

Em sua cruzada contra os canalhas, Luciano precisa, por um lado, expor a atitude, digamos, moral dos falsos filósofos, que querem *parecer ser* o que na verdade não são, mas, por outro, também tem que se haver com as doutrinas mais estapafúrdias. O cinismo oferece ferramentas perfeitas para o primeiro caso, mas, como não entra muito no mérito de questões físicas e metafísicas, pode contar com a ajuda sempre bem-vinda de Demócrito e Heráclito para o segundo. De fato, se considerarmos as vezes em que eles são mencionados no restante da obra de Luciano, veremos que eles (especialmente Demócrito) cumprem em geral o papel de desmascarar pretensões esdrúxulas dos diferentes tipos charlatões que são retratados. Demócrito é citado nominalmente

sete vezes, enquanto Heráclito apenas duas e sempre acompanhado de Demócrito.⁹⁰ As passagens são as seguintes:⁹¹

Perante estas práticas e estas superstições da maior parte das pessoas, creio que elas necessitam não [propriamente] de um censor, mas sim de um **Heraclito** ou de um **Demócrito** – um para trocar da sua ignorância, e o outro para lamentar a sua insensatez. (*Sacr.* 15)

Por Zeus! – respondi –, posso citar o admirável homem de Abdera, o ilustre **Demócrito**, o qual estava tão convencido de que coisas como essas não podem materializar -se, que se encerrou num jazigo fora de portas e aí permanecia noite e dia a escrever e compor as suas obras. Então uns jovens, querendo rir à custa dele e assustá-lo, envergaram roupas negras como as dos mortos, puseram máscaras a imitar caveiras e foram dançar à sua volta, batendo com os pés em ritmo compacto. **Demócrito**, porém, não se deixando intimidar pelo disfarce, nem sequer levantou os olhos para eles, mas, continuando sempre a escrever, disse: “Deixem -se de brincadeiras!”. A tal ponto estava firmemente convencido de que as almas não são nada, uma vez fora dos corpos. (*Philops.* 32)

Neste ponto, meu caro Celso, para falar verdade, há que desculpar essa gente da Paflagônia e do Ponto, pessoas brancas e ignorantes, pelo facto de se deixarem enganar, mesmo tocando a serpente (coisa que Alexandre permitia a quem quisesse), ao verem, a uma luz muito fraca, a sua pretensa cabeça e a boca a abrir e fechar, pois o truque requeria mesmo [para ser descoberto] um **Demócrito**, ou um Epicuro, ou um Metrodoro, ou qualquer outra pessoa

⁹⁰ Há ainda outra menção a Demócrito no texto chamado *Vidas longas* (*Macrobiani*), que é considerado espúrio.

⁹¹ As traduções a seguir são todas de Magueijo (2012; 2013). Repare que ele se refere ao efésio como **Heraclito**, não **Heráclito**, como eu, mas isso não tem importância. E se por acaso não souberes o que quer dizer manigância no português patricio, isso não é nenhum demérito. Eu tampouco sabia, mas o Dicionário, afinal, [também chamado *Pai dos Burros*] está aí para suprir essas deficiências.

que possuísse um espírito resistente como aço para esse tipo de coisas, a ponto de desconfiar e imaginar do que é poderia tratar-se, e que, caso não fosse capaz de descobrir como é que o truque era feito, estivesse já previamente persuadido de que, embora o processo lhe escapasse, era tudo uma fraude que não poderia nunca acontecer realmente. (*Alex.* 17)

[Depois de descrever um oráculo de Alexandre dizendo para alguém que sua esposa o estava traindo em casa com seu servo, o missivista diz:] Que **Demócrito** não ficaria perturbado ao ouvir citar com precisão nomes e lugares, mas que, logo a seguir, percebendo a manigância, repudiaria o oráculo? (*Alex.* 50)

Uma vez que o abominável Teágenes terminou o seu maldito discurso com lágrimas de **Heraclito**, eu, pelo contrário, vou começar pelo riso de **Demócrito**. (*Peregr.* 7)

Que te parece que **Demócrito** faria, se tal coisa visse? Certamente rir-se-ia do homem, e com toda a razão. Pois então tu, meu caro amigo, vai-te rindo também, muito especialmente sempre que ouvires outras pessoas a admirarem o tipo. (*Peregr.* 45)

Além disso, as minhas vestes serão de púrpura, a minha vida será deliciosa, o meu sono prolongado e o mais doce possível, terei um cortejo de amigos e [muitas] solicitações, com toda a gente e temer-me e a prosternar-se diante de mim, alguns logo de madrugada passando pela minha porta, rua abaixo, rua acima, e entre eles Cleéneto e **Demócrito**, esses grandes homens, aos quais, quando eles chegam e pretendem ser recebidos primeiro que os outros, sete grandalhões bárbaros barram o caminho e, sem demora, lhes batem com a porta na cara, tal qual como eles agora fazem [aos outros]. (*Nav.* 22)⁹²

⁹² Esta última referência não tem muito a ver com o tipo de uso de Demócrito que estamos discutindo. Ela está, na verdade, na boca de um idiota que pensa ser uma boa ideia solicitar o desejo (a uma espécie de gênio) de transformar todo o conteúdo do

Demócrito é utilizado por Luciano como uma espécie de Sherlock Holmes cético que, além de ser capaz de desmascarar os mais diferentes tipos de charlatões, tem ainda a atitude cínica de rir diante da comédia da vida (Lutz, 1954, p. 311). Embora Heráclito apareça muito pouco, ele funciona como uma espécie de complemento de Demócrito (e vice-versa). Seu choro também é resultado de sua compreensão da estupidez humana, que se considera tão importante, quando, diante do universo, não tem importância alguma. Falando sobre aqueles (anônimos) que construíram e consolidaram a imagem de um Heráclito que chora e um Demócrito que ri, Lutz (1954, p. 311) diz o seguinte:

Ao colocar os filósofos lado a lado para observar a vida, eles estavam na verdade ilustrando as palavras do próprio Heráclito: “Os homens não sabem como aquilo que está em desacordo concorda consigo mesmo. É uma sintonia de tensões opostas, como a do arco e da lira.” Assim como os conceitos contrastantes de verão e inverno, vida e morte, na verdade não representam opostos irreconciliáveis, mas dois lados do mesmo processo, também Demócrito e Heráclito podem ser considerados como representando o verso e o reverso da mesma moeda. Transferindo esta ideia para o indivíduo, pode-se dizer que o homem íntegro, o ser integrado, participa da natureza tanto de Heráclito como de Demócrito.⁹³

navio em ouro para ficar rico, sem se dar conta de que o navio pode afundar. Demócrito é evocado provavelmente por causa da crença de que ele era muito rico ao ponto de viver de renda. O imbecil planeja esnobar Demócrito quando chegar a Atenas com seu navio de ouro.

⁹³ “In placing the philosophers side by side to observe life, they were actually illustrating Heraclitus’ own words: ‘Men do not know how what is at variance agrees with itself. It is an attunement of opposite tensions, like that of the bow and the lyre.’ Just as the contrasting concepts of summer and winter, life and death, really represent not irreconcilable opposites, but two sides of the same process, so Democritus and Heraclitus may be thought of as representing the observe and reverse of the same coin. Transferring this idea to the individual, one may say that the whole man, the integrated being, partakes of the nature of both Heraclitus and Democritus.”

Demócrito e Heráclito funcionam para Luciano como aqueles que sabem que as coisas que os homens dizem que são, na verdade, não são o que eles pensam ser. Eles têm clareza a respeito da diferença entre *ser* e *parecer ser*, esta mesma diferença que está sendo constantemente marcada no cinismo e que está no centro da vocação de Luciano de denunciador de impostores.

Conclusão

Para encerrar este breve (ou não tão breve) artigo, devemos atender a mais um item da etiqueta acadêmica: a confecção de conclusões. O leitor deve se lembrar que lá pelo fim da introdução deixamos duas perguntas. É o caso de retomá-las:

Enfim, o que nos interessa neste trabalho é compreender duas coisas. (1) Por que Demócrito e Heráclito são ofertados em um pacote? (2) O que se pode concluir do fato de esta promoção não ter caído no gosto da freguesia?⁹⁴

Lembro ainda que estas questões já haviam sido mais ou menos respondidas antes, como também é de praxe. Aqui, não vamos simplesmente repeti-las, mas abordá-las de modo mais objetivo.

- Resposta à questão 1: porque eles são vistos como dois lados de uma mesma moeda, isto é, são a mesma coisa.
- Resposta à questão 2: significa que a freguesia não tem o menor apreço por filosofias que servem à finalidade de expor a verdade sobre ela mesma. As pessoas não querem filosofias que as exponham ou que mostrem que elas não são tão importantes quanto pensam que são. Elas querem truques, atalhos e, principalmente status. Querem poder mostrar em suas *timelines* que fazem parte de certos grupos, que conhecem os memes e as *#hashtags* do momento, que têm estilo para sair bem em seus *selfies* e sacadas inteligentes ou frases edificantes para compartilhar em seus *stories* com

⁹⁴ Aproveitando para introduzir mais uma inovação: a *autocitação interna*. Não indico a página porque eu não sei qual é.

fundo musical. Elas também querem manifestar todo o seu “engajamento” político e ser louvadas por sua legião de “amigos” e *seguidores*. Querem se mostrar alinhadas com os *influencers* do momento sejam elas imitadoras de filósofos pelados, sejam elas gente “harmonizada” por cirurgias plásticas de gosto duvidoso.

Para chegar a estas respostas passamos por uma questão muito mais interessante e pertinente que é o fato de que, na obra de Luciano, Demócrito e Heráclito funcionam muito bem como um complemento ao cinismo, que tem exatamente o poder de expor a falsidade da atitude humana.

Referências

ALLINSON, F. G. *Lucian: Satirist and Artist*. Norwood: Plimpton Press, 1926.

BALTZLY, D. Stoicism. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Spring 2014. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2014/entries/stoicism/>. Acesso em: 12 jun. 2015.

BERRYMAN, S. Democritus. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Fall 2010. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/fall2010/entries/democritus/>. Acesso em: 12 jun. 2015.

BETT, R. Pyrrho. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Winter 2014. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/win2014/entries/pyrrho/>. Acesso em: 12 jun. 2015.

BRAGUES, G. The Market for Philosophers: An Interpretation of Lucian’s Satire on Philosophy. *The Independent Review*, v. IX, n. 2, Fall 2004. p. 227-251.

BRANDÃO, J. L. *A poética do Hipocentauro: Literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

DIELS, H.; KRANZ, W. (eds.). *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 9ed. Berlin: Weidmann, 1960. v. 3.

GRAHAM, D. W. Heraclitus. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Summer 2011. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/sum2011/entries/heraclitus/>. Acesso em: 12 jun. 2015.

GROTE, G. *Plato, and the other companions of Sokrates*. London: John Murray, v. III, 1865.

HADOT, P. *What is ancient philosophy?* Tradução de Michael Chase. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

HARMON, A. M. (ed.). *Lucian*. London/Cambridge: William Heinemann/Harvard University Press, 1915. v. 2.

HUFFMAN, C. Pythagoras. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Summer 2014. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/sum2014/entries/pythagoras/>. Acesso em: 12 jun. 2015.

KONSTAN, D. Epicurus. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Summer 2014. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/sum2014/entries/epicurus/>. Acesso em: 12 jun. 2015.

L'ESTRANGE, A. G. K. *History of English Humour*. London: Hurst and Blackett, v. 1, 1878. Reeditado como e-book pelo *Project Guttenberg* em 02/05/2006.

LUTZ, C. E. Democritus and Heraclitus. *The Classical Journal*, v. 49, n. 7, Apr. 1954. 309-314.

MAGUEIJO, C. (trad.). *Luciano*. Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012. v. 1-3.

MAGUEIJO, C. (trad.). *Luciano*. Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. v. 4-9.

MENSCH, P.; MILLER, J. Diogenes Laertius. *Lives of the Eminent Philosophers*. Translated by Pamella Mensch, edited by James Miller. New York: Oxford University Press, 2018.

PARRY, R. Ancient Ethical Theory. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Fall 2014. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/fall2014/entries/ethics-ancient/>. Acesso em: 12 jun. 2015.